

A fragata que sulcou o Tejo no dia 25 de Abril de 1974 recebeu ou não ordem de fogo sobre as tropas revoltosas que ocupavam o Terreiro do Paço? Silva Cunha, no seu livro «Ainda o 25 de Abril», garante que deu a ordem, mas que do Estado-Maior da Armada o informaram de que a fragata só tinha a bordo granadas de salva. Eugénio Ferreira de Almeida, almirante e chefe do Estado-Maior da Armada na altura, diz que se trata de «lapso ou confusão», em carta dirigida a «O Jornal», que a seguir transcrevemos.

Pessoa amiga, que muito prezo, chamou a minha atenção para o livro do senhor doutor Silva Cunha «Ainda o 25 de Abril», já publicado no ano corrente sem que disso eu tivesse conhecimento. Imediatamente o adquiri e notei, a páginas 126, o seguinte passo:

«Tomámos, depois, um autocarro da Armada que nos levou a Cavalaria 2.

A situação, era crítica, mas não estava perdida, ainda, a esperança de dominar. Chegando àquela unidade telefonei para o Carmo e avisei o chefe do Governo do que se passava. Em seguida, liguei para o Estado-Maior da Armada e disse ao seu chefe, almirante Ferreira de Almeida, que ordenasse à fragata que cruzava em frente da Praça do Comércio que fizesse alguns tiros de aviso sobre as forças revoltosas que ali se encontravam.

Fiquei a aguardar. Pouco tempo depois telefonava-me o doutor Marcello Caetano que,

mal humorado, me disse que o almirante Ferreira de Almeida lhe falara pelo telefone, dando-lhe conhecimento da ordem recebida e perguntando se a devia cumprir.

Confirmei ter dado a ordem.

O presidente do Conselho limitou-se a perguntar-me quem estava a orientar as operações, não se pronunciou sobre a minha decisão e disse-me que o ministro do Interior fosse para o Carmo, onde também se encontrava o ministro dos Negócios Estrangeiros dr. Rui Patrício.

O dr. Moreira Baptista assim fez, acompanhado pelo almirante Tenreiro, utilizando uma viatura da unidade.

Depois da partida de ambos, pedi ao ministro da Marinha que falasse ao almirante Ferreira de Almeida para saber se a minha ordem tinha sido cumprida. A informação recebida foi de que a fragata só tinha a bordo granadas de salva...»



População de Lisboa no 25 de Abril  
Bombardeamento? Não foram dadas ordens

Pela minha parte, passados apenas dois dias sobre o evento, tive o cuidado de registar o que vivi, para que a minha memória não viesse também a atraí-lo-me, mais tarde.

Verifico haver da parte do senhor doutor Silva Cunha lapso ou confusão. Com efeito, se estava no seu pensamento intervir sobre o comportamento da fragata, a verdade é que,

mesmo quando passou pelo meu gabinete, nenhuma atitude assumiu junto de mim.

Por outro lado, de Cavalaria 2 só recebi comunicações telefónicas do ministro da Marinha e não falámos na fragata.

Depois de abandonarem essa unidade militar, já de Monsanto, também só o almirante Pereira Crespo falou comigo pelo telefone, sem nunca falarmos na fragata.

É verdade que no dia 25 de Abril, ainda cedo, depois da passagem pelo gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada do grupo em que se integrava o senhor doutor Silva Cunha, me telefonou o assessor militar do presidente do Conselho dizendo-me que o senhor doutor Marcello Caetano desejava falar-me. À pergunta que me fez o senhor presidente do Conselho respondi que as unidades

da Marinha se encontravam todas sob controlo, nos respectivos quartelamentos, o que era exacto.

Deste modo terá de concluir-se haver inexactidão por parte do senhor doutor Silva Cunha na passagem do seu livro transcrita.

Almirante Eugénio Ferreira de Almeida. Antigo Chefe do Estado-Maior da Armada